THE EMPTY CHAIR



LIMIAR 3

A Cadeira Vazia

Há pessoas que deixam uma sala.

E há pessoas que deixam uma direção.

As primeiras desaparecem.

As segundas permanecem.

Por muitos anos acreditei que a herança fosse uma questão de bens, propriedades, objetos a conservar ou a transmitir. Com o tempo entendi que a verdadeira herança é muito mais difícil de ver.

Não se encontra nos armários.

Não se encontra nas gavetas.

Não se encontra nos documentos.

Habita nos comportamentos.

Meu pai não me deixou fórmulas.

Não me entregou um manual.

Não me preparou um mapa detalhado da vida.

Deixou-me algo muito mais difícil de explicar.

Um modo de estar no mundo.

Quando jovem, eu não o via.

Os filhos raramente veem o próprio pai com clareza.

Tomam-no como algo garantido.

Veem nele uma presença permanente, quase uma lei da natureza.

Como o mar.

Como o céu.

Como o passar das estações.

Observam-no sem estudá-lo.

Escutam-no sem compreendê-lo.

Imitam-no sem perceber.

Depois chega uma idade em que tudo muda.

As palavras pronunciadas muitos anos antes voltam.

Os gestos assumem um significado diferente.

Até os silêncios adquirem uma nova voz.

É então que começamos de fato a conhecer quem nos precedeu.

Meu pai não me explicava o valor da responsabilidade.

Ele a praticava.

E essa diferença é enorme.

As pessoas recordam pouco daquilo que é ensinado.

Recordam muitíssimo daquilo que é vivido.

Quando um homem mantém uma promessa difícil, alguém observa.

Quando enfrenta uma derrota sem procurar culpados, alguém observa.

Quando continua a cumprir o próprio dever sem receber aplausos, alguém observa.

Muitas vezes esse alguém é um filho.

Mesmo quando parece distraído.

Mesmo quando parece distante.

Mesmo quando parece não entender.

Observa.

E conserva.

Muitas das decisões que tomei na minha vida adulta têm raízes que mergulham em anos muito mais distantes.

Não nasceram nos livros.

Não nasceram nas empresas.

Não nasceram nos cursos de treinamento.

Nasceram numa casa.

Numa família.

Num conjunto de comportamentos que então pareciam normais e que hoje reconheço como excepcionais.

Lembro-me de uma coisa que o tempo me ensinou.

Todo filho, mais cedo ou mais tarde, descobre que se parece com seu pai de modos que não havia previsto.

Acontece de repente.

Durante uma conversa.

Enquanto enfrenta um problema.

Enquanto pronuncia uma frase.

Enquanto toma uma decisão.

De repente reconhece algo.

Uma expressão.

Uma atitude.

Uma reação.

E compreende que certas presenças nunca vão embora de verdade.

Mudam de forma.

Só isso.

Por anos atravessei países diferentes.

Culturas diferentes.

Línguas diferentes.

Trabalhei com pessoas provenientes de toda parte do mundo.

E no entanto descobri uma coisa surpreendente.

Em todo lugar existe a mesma nostalgia.

Em todo lugar existe o mesmo respeito por quem nos precedeu.

Em todo lugar existe o desejo de estar à altura de alguém que nos deixou um exemplo.

Mudam as palavras.

Mudam os nomes.

Muda a geografia.

Mas o sentimento permanece o mesmo.

Porque todo ser humano chega ao mundo através de outra pessoa.

Ninguém começa do zero.

Somos todos a continuação de algo.

De uma história.

De uma família.

De uma escolha feita muito antes do nosso nascimento.

Com o tempo aprendi a não medir uma pessoa por aquilo que possui.

Meço-a por aquilo que deixa.

E aquilo que deixa quase nunca coincide com aquilo que havia planejado deixar.

Um pai pensa que está construindo uma carreira.

Mas talvez deixe um princípio.

Pensa que está deixando segurança.

Mas talvez deixe coragem.

Pensa que está deixando respostas.

Mas talvez deixe um modo de procurá-las.

Essa é a parte invisível da herança.

A mais importante.

A mais duradoura.

Aquela que continua a viver quando todo o resto se consumiu.

Muitas pessoas temem ser esquecidas.

É um medo antigo.

Profundamente humano.

Mas eu creio que exista uma forma diferente de permanência.

Não a das estátuas.

Não a das fotografias.

Não a dos monumentos.

A permanência autêntica vive nas consequências.

No bem que continua.

Na dignidade que é imitada.

Na responsabilidade que passa de mão em mão.

No caráter que gera mais caráter.

Meu pai continua a viver justamente ali.

Nas consequências.

Não como recordação.

Como presença.

Às vezes, nos dias difíceis, me pego perguntando a mim mesmo que decisão tomar.

Que estrada seguir.

Que peso aceitar.

Que responsabilidade assumir.

E quase sempre a resposta chega de um lugar muito antigo.

Um lugar sem endereço.

Um lugar sem geografia.

Um lugar feito de memória e gratidão.

Não escuto uma voz.

Não vejo um rosto.

Mas reconheço uma direção.

E é suficiente.

Porque, no fim, não é verdade que algumas pessoas vão embora.

Simplesmente deixam de caminhar diante de nós.

Começam a caminhar dentro de nós.

Por isso não digo que meu pai foi embora.

Digo que continua a viagem de modo diferente.

Nas minhas decisões.

Nas minhas palavras.

Nos meus erros.

Nas minhas responsabilidades.

No modo como trato os outros.

No modo como mantenho uma promessa.

No modo como enfrento o tempo.

E enquanto algo de tudo isto permanecer vivo, uma parte dele continuará a caminhar ao meu lado.

Silenciosamente.

Como sempre fizeram os verdadeiros pais.